

## DOMINGO VIII DO TEMPO COMUM

### CIC 302-314: a divina Providência e o seu papel na história

**302** A criação tem a sua bondade e a sua perfeição próprias, mas não saiu totalmente acabada das mãos do Criador. Foi criada «em estado de caminho» («*in statu viae*») para uma perfeição última ainda a atingir e a que Deus a destinou. Chamamos divina Providência às disposições pelas quais Deus conduz a sua criação em ordem a essa perfeição:

«Deus guarda e governa, pela sua Providência, tudo quanto criou, “atingindo com força dum extremo ao outro e dispondo tudo suavemente” (*Sb* 8, 1). Porque “tudo está nu e patente a seus olhos” (*Heb* 4, 13), mesmo aquilo que depende da futura acção livre das criaturas»<sup>1</sup>.

**303** É unânime, a este respeito, o testemunho da Escritura: a solicitude da divina Providência é *concreta e imediata*, cuida de tudo, desde os mais insignificantes pormenores até aos grandes acontecimentos do mundo e da história. Os livros santos afirmam, com veemência, a soberania absoluta de Deus no decurso dos acontecimentos: «Tudo quanto Lhe aprouve, o nosso Deus o fez, no céu e na terra» (*Sl* 115, 3); e de Cristo se diz: «que abre e ninguém fecha, e fecha e ninguém abre» (*Ap* 3, 7); «há muitos projectos no coração do homem, mas é a vontade do Senhor que prevalece» (*Pr* 19, 21).

**304** É assim que, muitas vezes, vemos o Espírito Santo, autor principal da Sagrada Escritura, atribuir a Deus certas acções, sem mencionar causas-segundas. Isso não é «uma maneira de dizer» primitiva, mas sim um modo profundo de afirmar o primado de Deus e o seu senhorio absoluto sobre a história e sobre o mundo<sup>2</sup> e de ensinar a ter confiança n’Ele. A oração dos Salmos é, aliás, a grande escola desta confiança<sup>3</sup>.

**305** Jesus reclama um abandono filial à Providência do Pai celeste, que cuida das mais pequenas necessidades dos seus filhos: «Não vos inquieteis, dizendo: Que havemos de comer? Que havemos de beber? [...] Bem sabe o vosso Pai celeste que precisais de tudo isso. Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo» (*Mt* 6, 31-33)<sup>4</sup>.

**306** Deus é o Senhor soberano dos seus planos. Mas, para a realização dos mesmos, serve-Se também do concurso das criaturas. Isto não é um sinal de fraqueza,

<sup>1</sup> I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 1: DS 3003.

<sup>2</sup> Cf. *Is* 10, 5-15: 45, 5-7; *Dt* 32, 39; *Sir* 11, 14.

<sup>3</sup> Cf. *Sl* 22; 32; 35; 103; 138; etc.

<sup>4</sup> Cf. *Mt* 10, 29-31.

mas da grandeza e bondade de Deus onipotente. É que Ele não só permite às suas criaturas que existam, mas confere-lhes a dignidade de agirem por si mesmas, de serem causa e princípio umas das outras e de cooperarem, assim, na realização do seu desígnio.

- 307** Aos homens, Deus concede mesmo poderem participar livremente na sua Providência, confiando-lhes a responsabilidade de «submeter» a terra e dominá-la<sup>5</sup>. Assim lhes concede que sejam causas inteligentes e livres, para completar a obra da criação, aperfeiçoar a sua harmonia, para o seu bem e o dos seus semelhantes. Cooperadores muitas vezes inconscientes da vontade divina, os homens podem entrar deliberadamente no plano divino, pelos seus actos e as suas orações, como também pelos seus sofrimentos<sup>6</sup>. Tornam-se, então, plenamente «colaboradores de Deus» (1 Cor 3, 9)<sup>7</sup> e do seu Reino<sup>8</sup>.
- 308** Esta é uma verdade inseparável da fé em Deus Criador: Deus age em toda a acção das suas criaturas. É Ele a causa-primeira, que opera nas e pelas causas-segundas: «É Deus que produz em nós o querer e o operar, segundo o seu beneplácito» (Fl 2, 13)<sup>9</sup>. Longe de diminuir a dignidade da criatura, esta verdade realça-a. Tirada «do nada» pelo poder, sabedoria e bondade de Deus, a criatura, separada da sua origem, nada pode, porque «a criatura sem o Criador esvai-se»<sup>10</sup>. Muito menos pode atingir o seu fim último, sem a ajuda da graça<sup>11</sup>.
- 309** Se Deus Pai todo-poderoso, Criador do mundo ordenado e bom, tem cuidado com todas as suas criaturas, porque é que o mal existe? A esta questão, tão premente como inevitável, tão dolorosa como misteriosa, não é possível dar uma resposta rápida e satisfatória. É o conjunto da fé cristã que constitui a resposta a esta questão: a bondade da criação, o drama do pecado, o amor paciente de Deus que vem ao encontro do homem pelas suas alianças, pela Encarnação redentora de seu Filho, pelo dom do Espírito, pela agregação à Igreja, pela força dos sacramentos, pelo chamamento à vida bem-aventurada, à qual as criaturas livres são de antemão convidadas a consentir, mas à qual podem, também de antemão, negar-se, por um mistério terrível. *Não há nenhum pormenor da mensagem cristã que não seja, em parte, resposta ao problema do mal.*
- 310** Mas, porque é que Deus não criou um mundo tão perfeito que nenhum mal pudesse existir nele? No seu poder infinito, Deus podia sempre ter criado um mundo melhor<sup>12</sup>. No entanto, na sua sabedoria e bondade infinitas, Deus quis livremente criar um mundo «em estado de caminho» para a perfeição última. Este devir implica, no desígnio de Deus, juntamente com o aparecimento de certos seres, o desaparecimento de outros; o mais perfeito, com o menos perfeito; as construções da natureza, com as suas destruições. Com o bem

<sup>5</sup> Cf. Gn 1, 26-28.

<sup>6</sup> Cf. Cl 1, 24.

<sup>7</sup> Cf. 1 Ts 3, 2.

<sup>8</sup> Cf. Cl 4, 11.

<sup>9</sup> Cf. 1 Cor 12, 6.

<sup>10</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 36: AAS 58 (1966) 1054.

<sup>11</sup> Cf. Mt 19, 26; Jo 15, 5; Fl 4, 13.

<sup>12</sup> Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 1, q. 25, a. 6: Ed. Leon. 4, 298-299.

físico também existe, pois, *o mal físico*, enquanto a criação não tiver atingido a perfeição<sup>13</sup>.

- 311** Os anjos e os homens, criaturas inteligentes e livres, devem caminhar para o seu último destino por livre escolha e amor preferencial. Podem, por conseguinte, desviar-se. De facto, pecaram. Foi assim que entrou no mundo *o mal moral*, incomensuravelmente mais grave que o mal físico. Deus não é, de modo algum, nem directa nem indirectamente, causa do mal moral<sup>14</sup>. No entanto, permite-o por respeito pela liberdade da sua criatura e, misteriosamente, sabe tirar dele o bem:

«Deus todo-poderoso... sendo soberanamente bom, nunca permitiria que qualquer mal existisse nas suas obras se não fosse suficientemente poderoso e bom para, do próprio mal, fazer surgir o bem»<sup>15</sup>.

- 312** Assim, com o tempo, é possível descobrir que Deus, na sua onipotente Providência, pode tirar um bem das consequências dum mal (mesmo moral), causado pelas criaturas: «Não, não fostes vós – diz José a seus irmãos – que me fizestes vir para aqui. Foi Deus. [...] Premeditastes contra mim o mal: o desígnio de Deus aproveitou-o para o bem... e um povo numeroso foi salvo» (*Gn* 45, 8; 50, 20)<sup>16</sup>. Do maior mal moral jamais praticado, como foi o repúdio e a morte do Filho de Deus, causado pelos pecados de todos os homens, Deus, pela superabundância da sua graça<sup>17</sup>, tirou o maior dos bens: a glorificação de Cristo e a nossa redenção. Mas nem por isso o mal se transforma em bem.

- 313** «Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus» (*Rm* 8, 28). O testemunho dos santos não cessa de confirmar esta verdade:

Assim, Santa Catarina de Sena diz aos «que se escandalizam e se revoltam contra o que lhes acontece»: «Tudo procede do amor, tudo está ordenado para a salvação do homem. Deus não faz nada que não seja com esse fim»<sup>18</sup>.

E São Tomás Moro, pouco antes do seu martírio, consola a filha com estas palavras: «Nada pode acontecer-me que Deus não queira. E tudo o que Ele quer, por muito mau que nos pareça, é, na verdade, muito bom»<sup>19</sup>.

E Juliana de Norwich: «Compreendi, pois, pela graça de Deus, que era necessário ater-me firmemente à fé, e crer, com não menos firmeza, que todas as coisas serão para bem...». «*Thou shalt see thyself that all manner of thing shall be well*»<sup>20</sup>.

- 314** Nós cremos firmemente que Deus é o Senhor do mundo e da história. Muitas vezes, porém, os caminhos da sua Providência são-nos desconhecidos. Só no fim, quando acabar o nosso conhecimento parcial e virmos Deus «face a face» (*1 Cor* 13, 12), é que nos serão plenamente conhecidos os caminhos pelos quais,

<sup>13</sup> SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa contra gentiles*, 3, 71: Ed. Leon. 14, 209-211.

<sup>14</sup> Cf. SANTO AGOSTINHO, *De libero arbitrio*, 1, 1, 1: CCL 29, 211 (PL 32, 1221-1223); SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 1-2, q. 79, a. 1: Ed. Leon. 7, 76-77.

<sup>15</sup> SANTO AGOSTINHO, *Enchiridion de fide, spe et caritate*, 3, 11: CCL 46, 53 (PL 40, 236).

<sup>16</sup> Cf. *Tb* 2, 12-18 vulg.

<sup>17</sup> Cf. *Rm* 5, 20.

<sup>18</sup> SANTA CATARINA DE SENA, *Il dialogo della Divina provvidenza*, 138: ed. G. CAVALLINI (Roma 1995) p. 441.

<sup>19</sup> MARGARITA ROPER, *Epistula ad Aliciam Alington* (mense augusti 1534): *The Correspondence of Sir Thomas More*, ed. E. F. ROGERS (Princeton 1947), p. 531-532. [Texto no Ofício de Leituras da memória de São Tomás Moro a 22 de Junho].

<sup>20</sup> JULIANA DE NORWICH, *Revelatio* 13, 32: *A Book of Showings to the anchoress Julian of Norwich*, ed. E. COLLEDGE – J. WALSH, VOL. 2 (TORONTO 1978), p. 426 E

mesmo através do mal e do pecado, Deus terá conduzido a criação ao repouso desse

**CIC 2113-2115: a idolatria subverte os valores;  
crer na Providência em vez de na adivinhação**

- 2113** A idolatria não diz respeito apenas aos falsos cultos do paganismo. Continua a ser uma tentação constante para a fé. Ela consiste em divinizar o que não é Deus. Há idolatria desde o momento em que o homem honra e reverencia uma criatura em lugar de Deus, quer se trate de deuses ou de demónios (por exemplo, o satanismo), do poder, do prazer, da raça, dos antepassados, do Estado, do dinheiro, etc.. «Vós não podereis servir a Deus e ao dinheiro», diz Jesus (*Mt* 6, 24). Muitos mártires foram mortos por não adorarem «a Besta»<sup>21</sup>, recusando-se mesmo a simularem-lhe o culto. A idolatria recusa o senhorio único de Deus; é, pois, incompatível com a comunhão divina<sup>22</sup>.
- 2114** A vida humana unifica-se na adoração do Único. O mandamento de adorar o único Senhor simplifica o homem e salva-o duma dispersão ilimitada. A idolatria é uma perversão do sentido religioso inato no homem. Idólatra é aquele que «refere a sua indestrutível noção de Deus seja ao que for, que não a Deus»<sup>23</sup>.
- 2115** Deus pode revelar o futuro aos seus profetas ou a outros santos. Mas a atitude certa do cristão consiste em pôr-se com confiança nas mãos da Providência, em tudo quanto se refere ao futuro, e em pôr de parte toda a curiosidade malsã a tal propósito. A imprevidência, no entanto, pode constituir uma falta de responsabilidade.

**CIC 2632: oração dos fiéis, pedido para a vinda do Reino**

- 2632** A petição cristã está centrada no desejo e na *busca do Reino* que há-de vir, em conformidade com o ensinamento de Jesus<sup>24</sup>. Há uma hierarquia nas petições: primeiro, o Reino; depois, tudo quanto é necessário para o acolher e para cooperar com a sua vinda. Esta cooperação com a missão de Cristo e do Espírito Santo, que agora é a da Igreja, é o objecto da oração da comunidade apostólica<sup>25</sup>. É a oração de Paulo, o apóstolo por excelência, que nos revela como a solícitude divina por todas as Igrejas deve animar a oração cristã<sup>26</sup>. Pela oração, todo o cristão trabalha pela vinda do Reino.

---

<sup>21</sup> Cf. *Ap* 13-14.

<sup>22</sup> Cf. *Gl* 5, 20; *Ef* 5, 5.

<sup>23</sup> ORÍGENES, *Contra Celsum* 2, 40: SC 132, 378 (PG 11, 861).

<sup>24</sup> Cf. *Mt* 6, 10.33; *Lc* 11, 2.13.

<sup>25</sup> Cf. *Act* 6, 6; 13, 3.

<sup>26</sup> Cf. *Rm* 10, 1; *Ef* 1, 16-23; *Fl* 1, 9-11; *Cl* 1, 3-6; 4, 3-4.12.

## **CIC 2830: crer na Providência não significa viver no ócio**

**2830** «*O pão nosso*». O Pai que nos dá a vida não pode deixar de nos dar o alimento necessário para a vida e todos os bens «convenientes», materiais e espirituais. No sermão da montanha, Jesus insiste nesta confiança filial que coopera com a providência do nosso Pai<sup>27</sup>. Não nos incita a qualquer espécie de passividade<sup>28</sup>, mas quer libertar-nos de toda a inquietação ansiosa e de qualquer preocupação. Assim é o abandono filial dos filhos de Deus:

«Àqueles que procuram o Reino e a justiça de Deus, Ele promete dar tudo por acréscimo. Com efeito, tudo pertence a Deus: nada faltará àquele que possui a Deus se ele próprio não faltar a Deus»<sup>29</sup>.

<sup>27</sup> Cf. *Mt* 6, 25-34.

<sup>28</sup> Cf. *2 Ts* 3, 6-13.

<sup>29</sup> SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *De dominica oratione*, 21: CCL 3A, 103 (PL 4, 551).